

O AMOR CRÍSTICO COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA DA ALTERIDADE EM KIERKEGAARD

*THE CHRIST LOVE'S AS FOUNDATION OF ETHICS IN THE ALTERITY
KIERKEGAARD*

Jorge Miranda de Almeida
UNISINOS-RS

Resumo: A ética da alteridade encontra seu fundamento e sustentação no pensamento de Kierkegaard em especial em **As Obras do Amor**, obra central em que se discute o amor como fundamento e forma da segunda ética. Pretende-se demonstrar que paradoxalmente o amor ao converter-se em mandamento do *tu debes amar*, adquire de uma parte o estatuto de uma ética formal embutida no mandamento de amar ao próximo como a si mesmo e no amor como o pleno cumprimento da lei. De outra parte, discute-se a impossibilidade da validade ou fundamentação do mesmo estatuto, pois o amor não pode tornar-se objeto do seu próprio conteúdo, isto é, o amor não é refém de uma ordem ou de um dever porque o amor não tem um conteúdo prévio, mas constitui-se em amor realizando obras de amor e pressupõe a abnegação radical da subjetividade ao reconhecer que ela se constitui em si mesmo somente quando se torna um ser para o outro.

Palavras-chave: Ética da alteridade; paradoxo, Existência, Subjetividade

Abstract: The ethics of alterity is rooted and sustained in the thought of Kierkegaard, principally in “The works of love” a key text in which “love” is presented as the foundation and form of the second ethic. The intention here is to demonstrate that paradoxically, “love” when transformed into the commandment *You must love*, on the one hand becomes the statute of a formal ethic built into the commandment to love one’s neighbour as oneself as the complete fulfilment of the law. On the other hand, the impossibility of the validity or establishment of the same statute will be considered, since “love” cannot become the object of its own content; that is, “love” cannot be the captive of an order or duty because it has no prior content. Rather, “love” is constituted as *love* when works of love are practiced, which practice presupposes the radical abnegation of subjectivity in the recognition that the subject self-constitutes only by becoming a being for the other.

Keywords: Ethics of otherness; Paradox; Existence; Subjectivity

Introdução

Este ensaio investiga a dimensão da segunda ética em **As Obras do Amor** de Kierkegaard considerando o amor na perspectiva do crístico como condição para a superação da primeira ética de inspiração kantiana e hegeliana. A obra é publicada em 29 de setembro de 1847 e é dividida em duas séries. A primeira de cunho eminentemente ético retoma a categoria do dever em Kant e o re-insere da dinâmica do amor, superando o formalismo do imperativo categórico centralizado na autonomia do sujeito enquanto

concebido como ser ontológico. Kierkegaard ao efetuar uma análise existencial do amor proporciona um desdobramento da razão enquanto *locus* da reflexão filosófica e do conhecimento humano¹. O pensador nórdico demonstra que o

1. “com efeito, o homem comum é quem realmente amei. A minha alegria mais intensa era de poder exprimir em qualquer maneira o meu amor pelo próximo. Tem sido este o objetivo da minha vida” (KIERKEGAARD, 1980, D. X³ A 13). Como não era possível recuperar o indivíduo perdido na massa, multidão, mercado, sinônimos de anonimato e impessoalidade, Kierkegaard desenvolve a categoria do indivíduo singular e dedica a esse indivíduo sua produção, como podemos constar em seu depoimento do *Diário*: “...daqui a minha simpatia quase exagerada pela gente simples,

amor não tem um conteúdo prévio, mas, se constrói² enquanto tarefa que edifica e ao edificar concretiza a exigência da ética, mesmo assumindo que amar e agir eticamente constitui a tarefa mais ingrata e difícil como discute Zygmunt Bauman em **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**³.

No interior da reflexão existencial Kierkegaard utiliza a dimensão do amor como tensão e tarefa do pensar a partir de analogias e imagens, e força à razão a superar a estratificação conceitual para apreender o amor em movimento⁴ enquanto transparência do pensador, do respeito e do compromisso para com o leitor, do objeto pensado e do conteúdo do pensar em uma ação de amor que o pensador caracteriza como reduplicação, conforme explicita em **As Obras do Amor**:

Uma coisa é pensar de tal maneira que a atenção constantemente se volte apenas para o exterior em direção ao objeto que é algo de externo; uma outra coisa é estar voltado de tal maneira para o pensar que constantemente a cada instante se tome consciência de si, consciência de seu estado sob o pensamento ou do que se passa em si nesse exercício do pensamento. Mas só esse último é essencialmente pensar, pois é transparência; o primeiro é um pensamento sem clareza que padece da contradição de que aquele que pensando clarifica o outro, em última análise não está claro. Um tal pensador explica com seu pensamento

pelo homem comum”. E contra as seitas e grupos poderosos que deturpavam os valores e ideais da classe baixa, ele se posicionou criticamente: as seitas diziam: “é a classe inferior que se desmoralizou, deve ser fuzilada. Não, não, e depois, não. A corrupção está na burguesia; e se há necessidade de fuzilar alguém, devem ser os jornalistas que vivem às custas das classes simples e delas tiram proveito”.

2. O autor afirma, por exemplo, que “o amor é puro agir” (KIERKEGAARD, 2005, p. 122), “é pura ação”(123); “o amor ao próximo quer ser realizado” (65); “quando o amor demora junto a si mesmo, está fora do seu elemento. O que quer dizer demorar junto a si mesmo? É tornar-se objeto para si mesmo” (212); “o amor permanece cristãmente em ação, na velocidade da ação” (218).

3. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

4. O leitor poderá constatar o estrategista que é o ferreiro de Copenhague, utiliza das estratégias do oponente para ferir mortalmente o mesmo. Nas obras **Migalhas Filosóficas, Post-scriptum Conclusivo e O Conceito de Angústia** polemiza contra a insuficiência da dialética hegeliana em querer apreender conceitual e objetivamente o movimento, este, segundo Kierkegaard só é possível através do salto no interior do paradoxo.

uma outra coisa, e vejam, ele não compreende a si próprio; ele talvez faça um uso muito penetrante de seus dons naturais aplicando-os às coisas exteriores, mas, em direção ao interior, muito superficial; e por isso todo o seu pensamento permanece, por mais profundo que pareça, mesmo assim no fundo superficial. (KIERKEGAARD, 2005, p. 403)

O que o pensador dinamarquês postula como pensamento transparente ou clarificador é uma crítica carregada de ironia – que é a principal chave de leitura da obra – a Hegel, pois para o pensador alemão a filosofia deve começar sem pressupostos⁵, apenas com o indeterminado, o puro ser, o conceito abstrato de ser; enquanto a proposta de **As Obras do Amor** propõe o contrário, a filosofia deve começar com o amor ao próximo, ao mais concreto e singular, mas que paradoxalmente carrega em si a possibilidade da presença da eternidade. Isto significa uma clara opção filosófica, enquanto o outro do pensamento especulativo é o ser puro e alienado de si mesmo, na filosofia da existência, o outro é o próximo, o primeiro Tu, isto é, “o Eu não é mais para si mesmo o primeiro, e sim o Tu” (KIERKEGAARD, 2005, p. 301).

O eixo central da presente reflexão é demonstrar que ao se considerar o amor como o elemento mais concreto na relação entre eu e tu, tem-se então a primeira condição para a segunda ética que deve ser compreendida reduplicativamente, isto é, o amor ao constituir em lei da existência, como Agostinho de Hipona já havia estabelecido que ninguém poderá existir sem amar. Amar é reduplicar-se na superação do

5. Conferir crítica de Feuerbach nas obras **Para a crítica da filosofia hegeliana (1839)** e **Princípios da filosofia do futuro (1843)** onde critica Hegel por não ter colocado como princípio da filosofia, o ser efetivo, o ser real, o ser mesmo, mas o ser real concebido na lógica como figura do pensamento. A esse respeito ele afirma: A absoluta ausência de pressupostos – o início da filosofia especulativa – nada mais é do que a ausência de pressupostos e de começo, a asseidade do ser divino. A teologia distingue em Deus propriedades ativas e propriedades passivas, mas a filosofia transforma também as propriedades passivas em ativas – transforma todo o ser de Deus em atividade, mas em atividade humana. Isto vale igualmente para o predicado deste parágrafo. A filosofia nada pressupõe – isto quer simplesmente dizer: abstrai de todos os objetos imediatos, isto é, fornecidos pelos sentidos, distintos do pensamento, em suma, de tudo aquilo de que se pode abstrair sem cessar de pensar e faz deste ato de abstração de toda a objetividade o seu próprio começo. (FEUERBACH, 2008, p. 19)

egoísmo centrado no eu, pois é característica do amor “arrancar de nós homens o egoísmo” (KIERKEGAARD, 2005, p.33); isto é, escolher amar implica necessariamente estabelecer uma relação que se desdobra com o não-eu, do qual a condição fundante não se encontra no si mesmo e o indivíduo singular não é um eu jogado no mundo aleatoriamente, é um eu que ganha a si mesmo como presente e, enquanto liberdade derivada de quem o presenteou, pode escolher a vida, a existência, a autenticidade, a morte.

O amor e suas variáveis: o amor erótico, o amor amigo, o amor crístico

A correspondência entre o indivíduo singular, o Absoluto e o τέλος da decisão ocorrem na dinâmica do amor. O amor crístico explode com a lógica hegeliana porque o indivíduo singular ao escolher o amor, escolhe no tempo em que vive, mas com efeito por e para toda a eternidade, como é afirmado pelo autor de **As Obras do Amor**: “em seu amor, ele não se relaciona (como é o caso, na paixão humana) com a temporalidade dependente da temporalidade; para seu amor, a estação correta é a eternidade”. (KIERKEGAARD, 2005, p. 350). Porém, para que exista o amor, é necessário, em primeiro lugar, a liberdade enquanto ato histórico e não como é habitualmente tratado na filosofia como determinação conceitual. Isto porque, só no interior da ação livre, o amor se concretiza, “visto que o amor é uma determinação da subjetividade”⁶. A subjetividade realmente ética é aquela em que a vontade se apropria da verdade através do amor e se reduplica, a partir da liberdade, na verdade existencial. Nesse sentido, podemos afirmar que ela realmente “desenvolveu ou elaborou a si mesma, em sua concentração infinita, e a realizou diante da representação do bem supremo infinito, da felicidade eterna, desenvolveu a primeira possibilidade da subjetividade”⁷.

A análise do amor crístico adquire força e validade no interior da propedêutica das esferas da existência, onde é possível distinguir as

perspectivas do amor natural-erótico (*Elskov*), do amor amigo (*Venskab*), do amor de predileção (*Forkjerlighed*) e do amor crístico, como o amor ético (*Kjerlighed*). No interior desse contexto encontra-se também as bases da Filosofia da Existência ao se discutir a inautenticidade, a futilidade diante da vida⁸, o prazer imediato do estético, a vida de conceito ou de representação⁹, as preferências e limitações do amor na primeira ética e finalmente o amor crístico como único a consistir em tarefa ética e segundo Kierkegaard “é a fonte original de todas as tarefas”. (KIERKEGAARD, 2005, p. 70).

O tema principal é o amor ao próximo, porém, o próximo não é o outro eu que anula a mim mesmo. Também não é o amor ao próximo como concebe Freud em **O Mal estar na Civilização** onde considera o amor como o fundamento da civilização, mas não é capaz de conceber o amor como abnegação e por isso mesmo como exigência ética. Quando inverte o mandamento ama a teu próximo como este te ama, está concebendo o amor a partir de uma troca, de uma posição em que o amor não é capaz de ser exercido como a assimetria que a exigência ética exige e que se traduz na gratuidade da minha responsabilidade para com o primeiro Tu, que se faz o meu próximo e a condição para que eu atinja o centro de mim mesmo.

8. É suficiente alguns extratos da Revista **O Instante** para entender a preocupação ética de Kierkegaard em relação a desagregação de sua cidade natal. O próprio Kierkegaard denomina a Críandade oficial da Dinamarca com esta terminologia. A radiografia desta fantástica miragem, desta *Maskerad* deste jogo da sociedade, desta palhaçada da “críandade”, abrigo de todas as alucinações (KIERKEGAARD, 2001, p. 186), “tibiezas”, “debilidade”, “indiferença”, “constantemente em mentiras, enganos, brincadeiras e mediocridades” (KIERKEGAARD, 2001, pgs 182-183) e deveríamos ter vergonha em termos “nos transformados em parasitas da contemporaneidade” (KIERKEGAARD, 2001, p. 271).

9. Na seguinte citação constata-se o quanto Kierkegaard compreende da psicologia humana e Georges Brandes está correto em atribuir-lhe o epíteto de grande psicólogo. Contra a representação da vida ele adverte: “se o dever consiste em, no amor, amar os homens que se vê, então o que vale *é que ao amar o homem real individual* (grifos meus) não se introduza subrepticamente uma representação ilusória de como se acharia ou se poderia querer que este homem devesse ser. Pois aquele que faz isto, não ama, ao final de contas, o homem que vê, mas ama, algo de invisível, sua própria representação ou alguma outra coisa de similar”. (KIERKEGAARD, 2005, p. 193).

6. PSCNC, 327

7. PSCNC, 326

O próximo é o totalmente outro por quem faço uma opção de abnegar-me para que ele possa constituir-se em mais si mesmo. A dinâmica proposta por Kierkegaard supera a concepção da intersubjetividade, porque entende que o si mesmo já edificou-se o suficiente para abrir mão do egoísmo de ser centrado em si mesmo, para tornar-se numa linguagem levinasiana, refém do próximo. No interior do próximo estão intrinsecamente presentes o dever, o Amor e a eternidade que se alternam, cada qual como *solista* dependendo do acento no Tu “*deves*”, Tu *deves* mar “o próximo”, “Tu” *deves* amar o próximo. Ao analisar a ênfase no *tu deves, próximo* e *tu* à luz da categoria da reduplicação, é possível retomar a distinção entre objetividade e subjetividade desenvolvida no **Post-scriptum conclusivo não Científico**¹⁰ e a crítica ao pensamento objetivo

10. Kierkegaard no **Post-Scriptum Conclusivo** desenvolve uma acirrada crítica ao hegelianismo como ápice da objetividade. Na afirmação “somente a verdade que *edifica* é verdade para *ti mesmo*” (KIERKEGAARD, 1993, p.396) é possível entender a distinção entre objetividade e subjetividade. Para a filosofia objetiva (entendendo a Metafísica, a Ontologia e a Lógica) a verdade é a adequação entre o ser e a essência ou a identificação entre ser e conceito. A obra é dividida em duas partes, a segunda discute exaustivamente as diferenças entre objetividade e subjetividade, a primeira de ordem conceitual, a segunda de apropriação existencial do conceito. A segunda coloca o problema de tornar-se subjetivo que é o título do primeiro capítulo e começa com a provocação: qual seria o juízo da ética, se o tornar-se subjetivo não fosse a tarefa suprema que é colocada para cada homem? (KIERKEGAARD, 1993, p.326). O segundo capítulo é intitulado **A verdade subjetiva: a interioridade; a verdade é a subjetividade; o terceiro A subjetividade real: a subjetividade ética; o pensador subjetivo**. Penso que o extrato do **Post-scriptum** contribuirá para o leitor entender a distinção proposta por Kierkegaard. Quando se coloca a questão da verdade de forma objetiva, se reflete objetivamente sobre a verdade como sobre um objeto com o qual o sujeito cognoscente se relaciona. Não se reflete sobre a relação, mas na questão de saber se é a verdade com a qual aquele que conhece está relacionado. Quando se coloca o problema de forma subjetiva, se reflete subjetivamente sobre a relação do indivíduo com a verdade, reflete-se sobre o *como* ocorre a relação entre o indivíduo e a verdade, mesmo que ele esteja de certa forma relacionado com a não-verdade. Tomemos como exemplo o conhecimento de Deus. Objetivamente, a reflexão é dirigida ao problema de saber se este objeto é o Deus verdadeiro; subjetivamente, a reflexão é dirigida para a questão de saber se o indivíduo está relacionado com uma coisa de tal maneira que a sua relação é na verdade uma relação-com-Deus (KIERKEGAARD, 1993, p. 366). A ênfase objetiva incide no QUE é dito, a ênfase subjetiva no COMO é dito. Esta distinção mantém-se mesmo no reino estético e recebe uma expressão precisa no princípio de que é em si mesmo verdade pode na boca de tal e tal pessoa tornar-se falso. (367) Objetivamente o interesse está focado unicamente no pensamento-conteúdo, subjetivamente na interioridade. No seu máximo este “como” interior é a paixão do infinito, e a paixão do infinito é a verdade. Mas a paixão do infinito é completa subjetividade e, assim, a subjetividade torna-se a verdade. Apenas

que reduzia a ética ao conceito e ao homem ideal, desconsiderando que a tarefa ética consiste em identificar o objeto do mandamento e o sujeito do mandamento na mesma ação, isto é, o amor, ou a verdade, ou o bem, no mesmo momento existencial em que o indivíduo singular o compreende, concretiza-o eticamente.¹¹

A tarefa ética

A tarefa constitui no cerne de **As Obras do Amor** e filosoficamente o cerne da Filosofia da Existência. A tarefa pressupõe algo a realizar, que precisa ser concretizado através de uma ação personalizada. Inserida na perspectiva do discípulo amado, o amor enquanto tarefa não quer ser cantado em versas e prosas ou idealizado, mas quer ser amado, mesmo se constituindo em “tarefa ingrata” (KIERKEGAARD, 2005, p. 100) o amor constitui a “tarefa ética por excelência” (70) a tarefa “da exigência do amor” (20) que precisa “começar imediatamente com a tarefa” (121), “a tarefa da abnegação” (76) que é “a tarefa assinalada a cada um de nós” (190) na “medida em que esta tarefa, tem de ser uma ação, talvez uma ação vasta e difícil” (208) mas que “no mesmo instante torna-se uma nova tarefa” (219), “tarefa que é coagida a chegar ao seu máximo” (221). E qual é esse ápice? Amar desinteressadamente, pois “o verdadeiro amor, o amor que se sacrifica, ama toda e qualquer pessoa de acordo com seu caráter próprio (sua individualidade), está pronto para realizar qualquer sacrifício: ele não procura seu interesse” (KIERKEGAARD, 2005, p. 308).

Amar o próximo é a condição de realizar com coerência o crístico que é o verdadeiro ético¹²

na subjetividade existe determinação para procurar o fator e não o seu conteúdo, pois o seu conteúdo é precisamente ele próprio. Desta forma, a subjetividade e o seu “como” subjetivo constitui a verdade. (368).

11. Esta tese é sustentada em **As Obras do Amor**. “Portanto, de que maneira a palavra é dita, e sobretudo de que maneira ela é pensada, a maneira como um ato é realizado: eis o decisivo para pelos frutos determinar e reconhecer o amor” (KIERKEGAARD, 2005, p.28)

12. Álvaro Valls na tradução para língua portuguesa de **As Obras do Amor**, à página 70, traduz *det Christelige* (o crístico) e *Sædelige* (o verdadeiro ético).

e neste ponto reside o interesse no percurso proposto, porque encaminha a ética na direção da heterogeneidade. A ética não é mais centralizada no si mesmo, mas na alteridade do próximo. Dessa forma o fundamento da ética deixa de ser o ser, a causa, Deus, o Estado, para inserir-se no fundo sem fundo (a gratuidade, a abnegação) do amor na dinâmica da relação entre Eu, Tu, Deus. Qual é o fundamento metafísico ou ontológico que será capaz de superar a gratuidade da responsabilidade ética? A ética deontológica é mais consistente porque é ancorada em um dever idealizado e prescritivo ou a ética da alteridade centrada na existência real e contraditória do próximo?

Kierkegaard no **Post-scriptum Conclusivo** adverte que “a única realidade que existe para um existente é a sua própria realidade ética, no confronto com outras realidades ele tem apenas uma relação de conhecimento, mas o verdadeiro e próprio saber é uma transposição da realidade na possibilidade” (KIERKEGAARD, 1993, p. 432). Nesse contexto, ele está explicitando a responsabilidade como o ápice da subjetividade enquanto eixo nodal da singularidade humana, como atribuir estatuto filosófico ou antropológico a uma concepção de ética sem a pressuposição de uma comunidade ideal do discurso, sem prescrição, sem fundamentação, sem normatização, centralizada apenas na radicalidade da substituição por um outro¹³? Não corre-se o risco de cair na relativização mais trivial da ética? Não seria o ridículo para a ética retirá-la da fortaleza do Estado para inseri-la numa individualidade? Essa concepção de ética não justificaria o *kamikaze* ou o fanático e extremista religioso? A concepção kierkegaardiana da segunda ética conduz a individualidade ao extremo da singularização: a concretização da ética depende da decisão do si mesmo em assumi-la como sua tarefa e em concretizá-la gestando-a no interior da consciência

13. Seguramente o conteúdo de **As Obras do Amor** inspirou muito Lévinas sobretudo na obra mais radical sobre a subjetividade **Autrement qu’être ou au-delà de l’essence**, Kierkegaard afirma que a subjetividade enquanto interioridade “é a abnegação ou renúncia de si (...) daí segue que a relação de amor, enquanto tal, pode constituir-se no sacrifício que é exigido. A interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem exigir nenhuma recompensa” (KIERKEGAARD, 2005, p. 156).

existencial que o Indivíduo singular tem de si, do outro, da natureza, do mundo e de Deus. Novamente Kierkegaard nos obriga a um *entender*: ou a estética (o idealismo é estético em Kierkegaard) ou a ética. Afinal qual a idéia, o conceito ou sistema filosófico seria mais verdadeiro do que a concretização da ética em si mesmo?

O crístico como transparência do Cristo em cada ação humana, concretiza a ética em si mesmo, pois estabelece a reduplicação da Verdade, do Amor, do Bem no próprio indivíduo singular. Dessa forma, conhecer a verdade e tornar-se a verdade é a mesma coisa, não existe diferença entre conhecer o Amor e tornar-se em cada ação a triplicidade¹⁴ do próprio amor¹⁵, “porque o amor sempre está dobrado em si próprio” (KIERKEGAARD, 2005, p.318). Com a categoria da reduplicação evita-se o risco de compreender a verdade, o bem, o belo, o amor objetivamente, reduzindo-os a categorias do pensamento.

A segunda série de **As Obras do Amor** consiste no estudo das obras, atos ou frutos do Amor. O ponto de partida é o empenho pessoal em edificar-se para que o Singular seja capaz de amar abnegando-se a si mesmo e por isso capaz de tornar-se o amoroso (*den Kjerlige*), o verdadeiro amoroso (*den sandne Kjerlige*), o verdadeiro amor (*den Sandne Kjerlighed*). Kierkegaard realiza um estudo antropológico do homem num crescente que vai do estado instintivo-vegetativo, sensorial ou psicossensorial ao espiritual. O ponto de partida é a análise do texto paulino “o amor

14. Kierkegaard explica o que entende por triplicidade: “faz parte de uma relação de amor a triplicidade: o amante, o amado, o amor; mas o amor é Deus. E por isso, amar uma outra pessoa é ajudá-la a amar a Deus, e ser amado consiste em ser ajudado” (KIERKEGAARD, 2005, p. 146).

15. Parece que Adorno em sua análise sobre **A doutrina Kierkegaardiana do Amor**, não entendeu direito o que Kierkegaard denomina por amor e por próximo. Ao acusar Kierkegaard de conservador, reacionário e idealista, pois “uma doutrina do amor que se pretenda ser realista não pode prescindir de uma visão social” (ADORNO, 1993, p.384). Kierkegaard nos **Diários** e nos números da Revista **O Instante** repetidamente critica a Ordem Estabelecida pela corrupção, dissolução, letargia, mentalidade pequeno-burguês responsáveis pelas injustiças, pelo egoísmo e pela tirania.

edifica” (1Cor. 8,1) e o fundamenta no hino ao amor (1Cor. 13) demonstrando que edificar é uma característica exclusiva do amor. O que está nas linhas e entrelinhas da proposta kierkegaardiana é a educação do homem, edificar equivale a educar, o que de certa forma, é a proposta de Aristóteles uma vez que devemos estudar a ética para agir eticamente do contrário o estudo seria inútil. Assim como o estagirista, o autor sem autoridade, coloca a força da ética no poder de agir, contrariando a concepção dominante que a insere no saber. A questão é que “o saber não comporta nenhuma decisão, a decisão, o estado de determinação e a firmeza pessoal” (KIERKEGAARD, 2005, p. 262) e na sua impessoalidade é incapaz de superar o egoísmo do eu.

Para efeito de encaminhamento de leitura de **As Obras do Amor**, proponho centrar na primeira parte, a análise dos capítulos II A – Tu “deves” amar; II B – Tu deves amar “o próximo”; II C – “Tu” deves amar o próximo; III A – O amor é o pleno cumprimento da lei e IV – O amor é questão de consciência. Desenvolverei um estudo dos verbos *Sollen em Kant* e *Pflicht em Kierkegaard* correspondentes ao dever para explicitar as diferenças entre a primeira ética e a segunda ética e porque na dinâmica da segunda ética o imperativo categórico kantiano só tem validade enquanto propedêutico. Como delimitação do tema, investigarei somente o dever em relação ao amor crístico, devendo o amor amigo, de predileção ou natural ser pesquisado em outra oportunidade.

Na segunda parte da obra o percurso consiste em investigar as categorias do edificar, edificante, edificação, autodomínio, compromisso com o servir o próximo, a abnegação, o altruísmo radical que conduz ao sacrifício de si mesmo, a responsabilidade e a inversão da relação entre o indivíduo singular, o próximo e Deus. Para efeito do presente estudo, serão analisados os discursos I – O amor edifica; IV – O amor não procura o que é seu; VI – O amor permanece; VII – Misericórdia: uma obra do amor, mesmo quando ela não pode dar nada e nem consegue fazer nada; IX – A obra do amor que consiste em recordar

uma pessoa falecida; e o X – A obra do amor que consiste em fazer o elogio do amor.

Considero que paradoxalmente o amor ao converter-se em mandamento do *tu deves amar*, adquire de uma parte o estatuto de uma ética formal embutida no mandamento de amar ao próximo como a si mesmo e no amor como o pleno cumprimento da lei como é desenvolvido no terceiro capítulo da primeira série. De outra parte, a impossibilidade da validade ou fundamentação do mesmo estatuto, pois o amor não pode tornar-se objeto do seu próprio conteúdo, isto é, o amor não é refém de uma ordem, de um dever. O amor não tem um conteúdo prévio, pois como ensina Sócrates ninguém é carente das qualidades que lhe são próprias e, sendo assim, o amor, mesmo quando é questão de uma boa consciência, não corre o risco de tornar-se prisioneiro da metafísica, ontologia e da lógica, pelo contrário, com o amor Kierkegaard exige um *enten-eller*: ou o Cristianismo ou a Metafísica; ou a relação existencial com Deus mantida na diferença qualitativa ou o conceito de um Deus causal indiferente e centrado em si mesmo que pode ser tanto uma pêra como uma batata, ou como o próprio Kierkegaard expressa no **Diário** “se Deus é uma maçã ou uma pêra, pouca diferença faz, contanto que se fale que a pêra é Deus” (KIERKEGAARD, 1980, X⁵ A 73); ou Deus que penetra a história e se mantém como Deus sem alterar a história ou Deus incorporado no sistema e reduzido a mera parte da engrenagem do todo; ou o escândalo da fé ou a segura da razão.

O amor só existe enquanto concretiza a si mesmo no ato de amar, e é por isso que “por essência (o amor) não pode ser descrito” (KIERKEGAARD, 2005, 17), mas vivenciado em sua totalidade no exercício e na prática cotidiana do amor. O *tu deves* será paulatinamente superado na própria dinâmica da pedagogia do amor, razão pela qual na conclusão de **As Obras do Amor**, Kierkegaard citando João não utiliza mais o *dever de amar*, mas o próprio amor, quando diz “Amados, amemo-nos uns aos outros” (KIERKEGAARD, 2005, 419), pois amar as pessoas - completa Kierkegaard - “é de fato a única coisa pela qual vale a pena viver, sem esse amor tu propriamente nem vives”

(KIERKEGAARD, 2005, 419). Tese que encontra apoio no próprio Kierkegaard quando afirma que o mandamento “diz que tu deves amar, oh, mas se tu quiseres compreender a ti mesmo e à vida, aí então parece que isso não precisaria ser mandado” (KIERKEGAARD, 2005, p. 419). O que quer dizer compreender a si mesmo e à vida? Não seria viver no amor e de amor, uma vez que quem verdadeiramente ama cumpre a lei? Não seria parafraseando Aristóteles quando afirma que quem tem um verdadeiro amigo não precisa da lei, porque a amizade é superior a lei?

O amor só se deixa apropriar na ação de amar¹⁶ com amor o amado, enquanto o amor manifestamente “significa existência” (KIERKEGAARD, 1993, p. 308). No prefácio Kierkegaard nos adverte que se trata de considerações não sobre o amor, que poderia cair na conceitualização fria e estanque do amor, mas são considerações sobre as obras do amor¹⁷. Onde essas obras se realizam? Na existência, por isso, existir constitui uma obra de amor. Existir no amor é a superação da inércia do viver do ser-ai indeterminado e impessoal; do eu dissolvido no eu da coletividade¹⁸ ou do homem-cópia. A leitura de **As Obras do Amor** ancorada no **Post-Scriptum Conclusivo** possibilita o desenvolvimento da tese que existir é sinônimo de vida ética: “a realidade é interioridade infinitamente interessada em existir,

16. Essa tese acompanha Kierkegaard em sua trajetória, como na seguinte anotação do seu Diário: “cada vida individual é incomensurável para o conceito, porque a coisa suprema não se pode viver na qualidade de filósofo. Onde se realiza esta incomensurabilidade? – Na ação – O lugar em que todos os homens se encontram é na ação”. (KIERKEGAARD, 1980, Diário IV C 97)

17. Possivelmente Kierkegaard estaria com estas passagens do Evangelho em mente quando elaborou **As Obras do Amor**. João, 15,13 “ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”; Romanos 13, 10 “o amor não faz mal ao próximo, de sorte que o cumprimento da lei é o amor”; 1Coríntios 16,14 “todas as vossas obras sejam feitas com amor”; 1João 3,16 “conhecemos o amor nisto: que Ele deu a vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos”.

18. Não é coincidência a crítica que Kierkegaard estabelece as agitações político-sociais da época. É um crítico ácido do comunismo porque este esqueceu de incluir o essencial: a singularidade da pessoa. O pequeno opúsculo **Duas Eras** é suficiente para demonstrar o peso da crítica. De qualquer forma seria interessante uma análise de **As Obras do Amor**, de 1847 e **O Manifesto Comunista**, de 1848, numa leitura atenta, poder-se-á chegar a conclusões significativas.

isto que o indivíduo ético é para si mesmo” (KIERKEGAARD, 1993, p. 437), pois, “a única realidade que existe para um existente é a sua própria realidade ética” (KIERKEGAARD, 1993, p.432). É vivência contínua da ética que o indivíduo singular poderá realizar a tarefa a que fora confiada.

Amor e Existência

A conexão interna entre amor e existência é fundamental para que o leitor kierkegaardiano possa entender que não se ama com palavras, conceitos ou intenções, mas com obras. É esse *o lugar* por excelência onde a segunda ética faz a sua morada. O agir da singularidade, recuperando Aristóteles é quem concretiza a virtude ou o vício, o bem ou o mal, de outra forma, o bem ou o mal não existe antes de ser concretizado na ação. Compreensão correta já que retira qualquer possibilidade de uma interpretação metafísica do agir e da ética, pelo menos, na perspectiva kierkegaardiana, como o próprio Kierkegaard sentencia: “É importante que a aspiração contínua não seja entendida metafisicamente, porque não se encontra nem mesmo um único indivíduo que exista metafisicamente” (KIERKEGAARD, 1993, p. 324). Porém, a questão não é tão simples, pois se o amor tem um *τέλος* absoluto como concebê-lo por outra via que não seja a metafísica? O próprio Kierkegaard adverte que “o homem que escolhe a metafísica em detrimento da ética comete um suicídio espiritual” (KIERKEGAARD, 1980, VII A, 153).

O *τέλος* em Kierkegaard não se atinge ao final da história ou em outra transcendência que não seja no aqui e no agora existencial e a plenitude da transcendência se atinge no amor ao próximo, que é a forma de amor mais perfeita. Posso então entender que a metafísica só tem algum sentido se for compreendida no interior da ética, porque é na vivência da ética que o *τέλος* se manifesta, se presentifica e se realiza. Distante da ética é legítima a crítica de Lévinas desenvolvida em **Totalidade e Infinito** que na metafísica a verdadeira vida está ausente. A interpretação de Kierkegaard é radical: “Deus não existe: Ele é.

Somente para um existente, Deus existe” (KIERKEGAARD, 1980, VII¹ A 139). Na esteira de Kierkegaard, Gadamer afirma: “a Metafísica só pode ser legitimada como momento interno do questionamento ético, ou seja, não é simplesmente o “ser” que interessa e o sentido deste ser como simples ser no mundo ou como temporalidade originária, mas o ser enquanto ele é relacionado com o nosso ser-aí” (GADAMER, 2000, p.16).

Na vivência da relação dialógica do amor, Deus enquanto *τέλος* último se doa no tempo do indivíduo sem alterar as qualidades de Deus, do indivíduo e da história, constituindo-se no Paradoxo Absoluto, como escreve em seus **Diários**: “o Absoluto entrou no tempo sem alterar a qualidade do tempo, para que o indivíduo possa livremente relacionar-se com Ele na contemporaneidade, de forma que encontrar Deus é concretizar a realidade no trabalho cotidiano” (KIERKEGAARD, 1980, IX A 316) da vida. Márcia de Sá Cavalcante esclarece esse ponto tenso da entrada e presença de Deus na existência à luz de Schelling. Segundo a filósofa brasileira se o próprio ser de Deus começa no começo do mundo, “então Deus se oferece como o começo que nunca deixa de começar no começo de um outro. O devir de Deus no mundo, nas coisas, no homem, é o devir de Deus em si mesmo. Ser o começo que jamais deixa de começar em tudo o que começa é, propriamente, a eternidade de Deus” (SCHUBACK, 1998, p. 172).

Kierkegaard desenvolve no **Post-scriptum Conclusivo** (1846) a tese que o amor é sempre aspirante a existir, assumindo ser influenciado pela concepção socrática do amor como carência¹⁹. O existir de quem? Do Singular, único de fato, convidado a existir, como expressa Johannes Climacus, “a aspiração contínua é a expressão para a concepção ética na vida do

Singular existente” (KIERKEGAARD, 1993, p.324), e é em torno do existente que as tramas e as contradições da existência exigem um posicionamento ético em relação às metamorfoses do amor: o amor natural-erótico (*Elskov*), o amor amigo (*Venskab*), o amor de predileção (*Forkjerlighed*) e o amor crístico, o amor ético (*Kjerlighed*) único a consistir em tarefa ética e que segundo Kierkegaard “é a fonte original de todas as tarefas”. (KIERKEGAARD, 2005, p. 70).

Analisar o que Kierkegaard pretende com *o tu debes amar*, implica estudar em primeiro lugar o Indivíduo Singular, pois é nele e através dele que o amor se experientializa ou se concretiza. Depois, considero fundamental a análise da ironia e da reduplicação para chegarmos a bom termo na empreitada proposta. Portanto, para estudar a relação entre dever e amor é fundamental começar por investigar e esclarecer a relação entre ética e a individualidade existente como é proposto no **Post-scriptum Conclusivo não Científico**²⁰. Kierkegaard opera uma inversão da concepção ética de Hegel, ao estabelecer como premissa a responsabilidade pela concretização da ação na individualidade e não no Estado, uma vez “que a tarefa não consiste em partir da espécie humana para atingir o indivíduo, mas do indivíduo através da espécie humana, atingir o indivíduo” (KIERKEGAARD, 1980, Diário VII¹ A 20). Penso que é muito mais sensato essa perspectiva, pois o concretizar da ética não depende do outro, mas fundamentalmente do meu empenho, isto é, de mim mesmo, é essa a condição para a solidificação da ética da alteridade e novamente é o próprio Kierkegaard quem atesta esta interpretação ao afirmar: “o empenho ético é o banco de prova para julgar se o homem pretende atingir e se efetivamente atingiu a realidade, se ele se apropriou da verdade existencial, o que só é possível, agindo e traduzindo-a em realidade”. (KIERKEGAARD,

Esta tese é sustentada no próprio Kierkegaard quando na obra **Ponto de vista**

19. Platão, **O Banquete** “Agora, falou Sócrates, procura aplicar tudo isso ao Amor, para dizer-nos se o Amor é amor de nada ou se é amor de alguma coisa. Sem dúvida é amor de alguma coisa. Fixa bem na memória esse ponto, teria dito Sócrates, do que é que ele é amor, e me responde apenas se o Amor deseja ou não deseja aquilo que ele ama. Sem dúvida, foi a resposta. Por já ter o que deseja e ama, ou por não o ter? Por não o ter, ao que parece respondeu. Considera agora, falou Sócrates, se em vez de parece, não é mais certo dizer que necessariamente só se deseja o que não se tem, e que ninguém deseja o que não carece.” 200 a-c.

20. Conferir o terceiro capítulo da segunda parte intitulado **a subjetividade real: aquela ética; o pensador subjetivo, especialmente o primeiro parágrafo o existir: a realidade**

explicativo de minha atividade de escritor o amor é questão de individualidade e não da pura intelectualidade; em um segundo momento, implica estabelecer as relações de aproximação e distanciamento da concepção kantiana do dever e do mandamento formal do dever e, finalmente, estabelecer quais os argumentos que podem sustentar (ou não) o amor (*Kjerlighed*) como fundamento da segunda ética ou da ética da alteridade.

Conclusão

Contribui para uma leitura mais aprofundada de **As Obras do Amor** explicitar a atmosfera que gira em torno da minha análise da obra em questão. Penso que é fundamental a compreensão da ironia para penetrar na densidade do movimento do amor como compreende o pensador dinamarquês. A ironia enquanto estratégia pedagógica é o último estágio antes da ética. Com as lentes da ironia é possível enxergar a crítica filosófica à assepsia da filosofia idealista ao afirmar, por exemplo, que “nenhum de nós é o homem puro” (KIERKEGAARD, 2005, p.91), mas também a determinadas concepções do Cristianismo como uma religião adocicada que se satisfaz com cultos e missas dominicais sem assumir a radicalidade de tornar-se em meio a tantas contradições vida e vida em plenitude para o próximo.

Com razão Kierkegaard afirma que o Cristianismo não é um conto de fadas e “muito menos uma engenhosa elucubração mental (KIERKEGAARD, 2005, p.91); e que “a eternidade não é nenhum palco” (KIERKEGAARD, 2005, p.109); pois “deste modo, toda a vida humana se transforma numa única e grande desculpa – será talvez esta a grande, a incomparável empresa comum, a grande obra da humanidade? A categoria “os outros” torna-se uma ficção, e a definição ficticiamente procurada do que seja a exigência da lei não passa de um alarme falso” (KIERKEGAARD, 2005, p.140); e ainda uma última citação que muito nos lembra a peça **Esperando Godot**

falemos um instante sobre o tema tão cativante do amor humano, ou sobre aquela moça que, nas palavras do poeta, toda noite senta à janela, ‘a hora tremeluzente do

crepúsculo’, e espera o bem amado, enquanto que, ai! ‘o tempo vem e o tempo vai’(...) por simpatia pela moça que está à espera, o tempo por assim dizer se encarrega de fazer o que o infiel deveria ter feito. Quando então chegou o tempo em que “ele” deveria chegar, o tempo chegou de fato, mas “ele” não chegou; então o tempo se foi de novo, até que chegasse o tempo em que deveria chegar “aquele” que não chegou (...) Assim, o tempo veio e o tempo passou. (348-349)

O homem puro e a moça que esperam o amado têm a mesma dimensão na perspectiva kierkegaardiana: não existem. Representam a inautenticidade, a impessoalidade em relação ao homem concreto, o ser perdido no meio da massa, apenas um número a mais no rebanho como afirma Anti-Climacus na **Doença para a morte**. São seres de ficção como atesta o irmão espanhol de Kierkegaard, Miguel de Unamuno. Vivem simplesmente na elucubração mental dos construtores de sistemas “que deixaram de serem homens e se tornaram especuladores” (KIERKEGAARD, 1993, p. 308) e por isso, reservam o lugar em que cada sujeito deve ocupar no palco do puro ser ou no palco da vida sensorial e psicovegetativa, mas não no combate efetivo da vida real.

Combater o bom combate exige um compromisso diário com a exigência ética, em assumir a responsabilidade como condição e finalidade da tarefa existencial. Assumir a ética da alteridade implica ao mesmo tempo, construir a maturidade existencial necessária para responder a pergunta fundamental ao Caim que existe em cada um de nós: Onde está Abel, teu irmão? Respondeu ele: Não sei; sou eu o guarda do meu irmão? (Gn 4,9). Na perspectiva do amor crístico, cada homem que nasceu de si mesmo e no tremor e temor constituiu a si mesmo é capaz de assumir a responsabilidade do próximo em primeira pessoa, é capaz de amar cristicamente transformando o amor erótico e o amor amigo em amor de abnegação e dessa maneira efetuar também a passagem do ser ao existir, uma vez que o movimento do tornar-se “este” único homem é realizado mediante um ato de vontade, de decisão do Singular que implica no salto enquanto um ato de amor para consigo, para com o Tu, para com a existência e, sobretudo, para com Deus.

Bibliografia

GADAMER, H.G., **L'último Dio. La lezione filosofica del XX secolo.** Milano: Bompiani, 2000.

FEUERBACH, L. **Princípios da Filosofia do Futuro.** Covilã: Universidade da Beira Interior, 2008.

KIERKEGAARD. **As Obras do Amor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Opere.** Milano: Sansoni Editore, 1993.

_____. **Postilla Conclusiva non scientifica.** Milano: Sansoni Editore, 1993.

_____. **Diario.** Brescia: Morcelliana, 1980.

Sobre o autor

Jorge Miranda de Almeida: Pós-doutorando em Filosofia pela UNISINOS-RS, sob supervisão de Álvaro Valls. Dr. em Filosofia, área de concentração Ética, prof. Adjunto da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, autor do livro *Ética e Existência em Kierkegaard e Lévinas*, publicado pela editora Edições UESB, 2009; Organizador e co-autor da coletânea *Filosofia, Cinema e Educação*, publicado pela editora Edições UESB/FAPESB, 2010; co-autor do livro *Kierkegaard*, publicado pela editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2007; e organizador do Festschrift em homenagem a Álvaro Valls, *Kierkegaard no Brasil*, publicado pela editora Idéia, João Pessoa, 2007. E-mail: mirandaj@uol.com.br; mirandajma@gmail.com.